

Cartografias das imagens para lugares claros: acompanhamento de uma oficina de cinema na escola

Pedro P. G. de Camargo

Resumo

Esse projeto buscou acompanhar e avaliar a reverberação da oficina de cinema Para Além da Sala Escura que foi realizada na CEI Agostinho Páttaro, tomando como base a produção de imagens que foi empreendida na mesma. As imagens foram analisadas e discutidas buscando compreender as distintas reverberações de um mesmo dispositivo nos participantes, as diferenças que afloraram entre as imagens inventadas ao longo da oficina, bem como identificar as potências do cinema e da escola que despontaram a partir da oficina.

Palavras-chave:

educação, dispositivo, experimentação

Introdução

Com base na aprovação da lei 13006/14, que torna obrigatória a exibição de filmes nacionais por pelo menos duas horas mensais em todas as escolas de ensino básico do país, esse projeto buscou ser mais um gesto para pensar a regulamentação e implementação dessa lei, tendo como propósito maior explorar as potencialidades desse mandatório encontro do cinema com a educação. Fundamentado no programa *Cinema & Educação* da Prefeitura Municipal de Campinas em conjunto com o grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO da Faculdade de Educação da Unicamp, que oferece oficinas cujo intuito maior é a criação de imagens cinematográficas, objetivou-se empreender um acompanhamento das imagens que foram criadas em uma dessas oficinas: a oficina *Para Além da Sala Escura*, realizada na CEI Agostinho Páttaro.

Nesse sentido, buscou-se respostas aos seguintes questionamentos: como os mesmos dispositivos de criação de imagens possuem reverberações distintas nos participantes da oficina? Quais diferenças emergem entre as imagens criadas no decorrer das oficinas? Que outras potências do cinema e da escola emergiram da oficina?

Resultados e Discussão

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi o Método Cartográfico, de acordo com Escóssia, Kastrup e Passos (2015)¹. Esse método foi colocado em prática com a função de evocar pistas que auxiliassem a defrontar as questões que regem a pesquisa. Foi a partir dessas pistas, indícios, rastros que decidi qual rota traçar a fim de buscar respostas para os problemas.

Como cartógrafo, estive sempre a procura de pistas que pudessem, de alguma maneira, serem úteis para meu percurso. De acordo com Rolnik (2007)², o cartógrafo apenas deixa seu corpo vibrar em todas as frequências possíveis, ao mesmo tempo em que inventa maneiras de fazer com que essas vibrações encontrem, em seu corpo, canais de passagem para a existencialização. Em outras palavras, o cartógrafo, quando está habitando o seu campo de pesquisa, é atravessado por afetos que, em diferentes intensidades, precisam de algum ser por meio do qual possam ser internalizados e, posteriormente, externalizados.

Para viabilizar e amplificar a manifestação de pistas, lancei mão de maneiras de acompanhamento, as quais foram as

responsáveis por deslindar a forma com a qual eu sofria meu trabalho, norteando os passos a serem tomados, bem como as mudanças de rota que poderiam vir a acontecer.

As maneiras de acompanhamento foram muitas: questionários, conversas com os participantes, registro fotográfico, visitas à escola e a constante produção de um caderno de campo. Todas elas foram de enorme importância para me auxiliar a levantar as pistas que viabilizariam o mapeamento das imagens criadas na oficina.

Conclusões

As perguntas elaboradas pressupunham uma análise horizontal e vertical das imagens criadas ao longo dos encontros. Com relação as diferentes reverberações nos participantes provocadas por um mesmo dispositivo (mapa horizontal), tracei três principais linhas de discussão: participação das crianças, experimentação e preocupação com os espectadores das imagens. Assim, para cada um dos dispositivos, pude averiguar diferenças nas imagens produzidas em termos de tais linhas. Voltando-me as diferenças que emergiram entre as imagens criadas ao longo da oficina (mapa vertical), também pude traçar linhas de discussão, que variaram entre: diferentes modos de experimentação, desenvolvimento de marcas autorais, participação das crianças, preocupação com os espectadores e influência dos filmes assistidos antes de se criar as imagens.

Por fim, também pude identificar potências da escola e do cinema que afloraram por meio da oficina, tais como uma nova interação/relação com os distintos locais da escola, desenvolvimento de diferentes maneiras de dar expressão aos afetos do mundo, inserção das crianças no processo de criação cinematográfica, experimentação de criação de imagens diferentes do que os participantes estavam habituados, entre outras.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Wenceslao Machado, bem como àicineira Marina Mayumi, pela amizade e pelos ensinamentos.

¹ESCÓSSIA, Líliliana; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Meridional, 2015.

²ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.